

# PORTUGUÊS

As questões de números **20 a 24** tomam por base um fragmento da *Poética*, do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), um fragmento de *Corte na Aldeia*, do poeta clássico português Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622), e um fragmento de uma crônica do escritor realista brasileiro Machado de Assis (1839-1908).

## *Poética*

*Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa), — diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por "referir-se ao universal" entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibiades ou o que lhe aconteceu.*

(Aristóteles, *Poética*)

## *Corte na Aldeia*

— *A minha inclinação em matéria de livros (disse ele), de todos os que estão presentes é bem conhecida; somente poderei dar agora de novo a razão dela. Sou particularmente afeiçoado a livros de história verdadeira, e, mais que às outras, às do Reino em que vivo e da terra onde nasci; dos Reis e Príncipes que teve; das mudanças que nele fez o tempo e a fortuna; das guerras, batalhas e ocasiões que nele houve; dos homens insignes, que, pelo discurso dos anos, floresceram; das nobrezas e brasões que por armas, letras, ou privança se adquiriram. [...]*

*[...]*  
— *Vós, senhor Doutor (disse Solino) achareis isso nos vossos cartapácios; mas eu ainda estou contumaz. Primeiramente, nas histórias a que chamam verdadeiras, cada um mente segundo lhe convém, ou a quem o informou, ou favoreceu para mentir; porque se não forem estas tintas, é tudo tão misturado que não há pano sem nódoa, nem légua sem mau caminho. No livro fingido contam-se as cousas como era bem que fossem e não como sucederam, e assim são mais aperfeiçoadas. Descreve o cavaleiro como era bem*

*que os houvesse, as damas quão castas, os Reis quão justos, os amores quão verdadeiros, os extremos quão grandes, as leis, as cortesias, o trato tão conforme com a razão. E assim não lereis livro em o qual se não destruam soberbos, favoreçam humildes, amparem fracos, sirvam donzelas, se cumpram palavras, guardem juramentos e satisfaçam boas obras. [...]*

*Muito festejaram todos o conto, e logo prosseguiu o Doutor:*

*— Tão bem fingidas podem ser as histórias que merecem mais louvor que as verdadeiras; mas há poucas que o sejam; que a fábula bem escrita (como diz Santo Ambrósio), ainda que não tenha força de verdade, tem uma ordem de razão, em que se podem manifestar as cousas verdadeiras.*

(Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*)

*Crônica (15.03.1877)*

*Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.*

*E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar.*

*O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi.*

*[...]*

(Joaquim Maria Machado de Assis, *História de Quinze Dias*.)

In: *Crônicas*)

**20**

Os pronomes demonstrativos são algumas vezes empregados na frase para fazer referência a termos antecedentes, ou seja, empregados anteriormente na mesma ou em outra frase. De posse desta informação,

- aponte os respectivos antecedentes dos pronomes demonstrativos *aquela* e *esta* no terceiro período do texto de Aristóteles (de "Por isso..." até "... o particular");
- explique, com base nessa e em outras passagens do texto de Aristóteles, a diferença entre o historiador e o poeta.

#### **Resolução**

- "Aquela" = "a poesia"; "esta" = "a história".*
- Segundo Aristóteles, o que faz o historiador é "narrar o que aconteceu"; portanto, o seu objeto são os fatos concretos, isto é, os fatos em sua singularidade ou particularidade. Quanto ao poeta, o que*

ele faz é "representar o que poderia ter sido", ou seja, o seu objeto são os fatos em sua generalidade ou universalidade.

**21**

No trecho de *Corte na Aldeia*, focaliza-se uma discussão sobre dois conceitos — o de *história verdadeira*, defendido pela personagem "Doutor", e o de *história fingida* (*livro fingido*), defendido pela personagem "Solino". Depois de reler o trecho atentamente,

- a) estabeleça, segundo as noções de cada interlocutor, o que querem dizer com *história verdadeira* e *história fingida*;
- b) aponte dois adjetivos da fala de Solino cujo significado comprova o fato de a personagem utilizar, entre outros, o critério moral para defender seu ponto de vista.

**Resolução**

- a) A "história verdadeira" corresponde ao que chamamos História, ou seja, o relato dos fatos que constituem a vida social, política e cultural de um país através dos tempos. A "história fingida", por outro lado, corresponderia ao que Aristóteles chama "poesia", ou seja, o relato dos fatos como deveriam ter sido ("como era bem que fossem").
- b) Adjetivos de sentido moral na fala de Solino: "[coisas] aperfeiçoadas", "[damas] castas", "[Reis] justos", "[amores] verdadeiros".

**22**

O *quiasmo* é um procedimento estilístico que consiste na construção de frases ou de expressões segundo um princípio de retomada que pode ser representado como *abba*, ou seja, os elementos retomados se repetem em ordem inversa, como neste exemplar de Olavo Bilac: "Vinhas fatigada e triste, e triste e fatigado eu vinha".

- a) Demonstre que o segundo período do segundo parágrafo do texto de Machado de Assis foi escrito de acordo com o princípio do *quiasmo*;
- b) Explique o que quer significar o cronista com esse período aparentemente contraditório.

**Resolução**

- a) Os elementos que formam o quiasmo, no período em questão, são os que se encontram destacados: "Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias." Portanto, tais elementos podem ser assim esquematizados: (a) "contador de histórias" (b) "historiador" (b) "historiador" (a) "contador de histórias".
- b) No trecho de Machado de Assis, o "contador de histórias" relata o que não viu (parágrafo 1), ou seja, o que ele faz "é só fantasiar" (parágrafo 2). Por outro lado, o historiador, embora também conte histórias, só as conta se verídicas, como seria a descrição da "tourada de domingo passado", caso fosse feita por

quem a tivesse visto (último parágrafo).

**23**

Os três textos, embora de gêneros e épocas diferentes, apresentam algumas correspondências no que diz respeito ao tema de que tratam. Partindo deste pressuposto,

- a) determine a analogia que há entre o conceito de "fantasiar", que Machado atribui ao contador de histórias, e o conceito de "fingido", presente na expressão "livro fingido", da fala de Solino, no diálogo de Rodrigues Lobo;
- b) comparando os textos da *Poética* e de *Corte na Aldeia*, estabeleça a relação que há entre o conceito de Aristóteles, segundo o qual a História se refere ao particular, e o conceito de "história verdadeira" apresentado pela personagem "Doutor".

**Resolução**

- a) *Em ambos os casos, trata-se de inventar o que é relatado, sendo a fantasia, a que se refere Machado, similar ao fingimento de que trata o texto de Rodrigues Lobo.*
- b) *Em ambos os casos, trata-se de relatos do que de fato ocorreu, ou seja, de acontecimentos concretos e particulares.*

**24**

A leitura do último período do fragmento de Rodrigues Lobo revela que o escritor valeu-se com elegância do recurso à elipse para evitar a repetição desnecessária de elementos. Com base nesta observação,

- a) aponte, na série enumerativa que começa com a oração "se não destruam soberbos", os vocábulos que são omitidos, por elipse, nas outras orações da série;
- b) considerando que as sete orações da série enumerativa se encontram na chamada "voz passiva sintética", indique o sujeito da primeira oração e as características de flexão e concordância que permitem identificá-lo.

**Resolução**

- a) *O que se encontra elíptico (por zeugma) no trecho mencionado é "se não", ou seja, o pronome apassivador seguido do advérbio de negação.*
- b) *O sujeito da primeira oração é "soberbos", com o qual concorda o verbo "destruam", apassivado pelo "se". O que assegura a identificação do sujeito é a flexão do verbo no plural.*

A questão de número **25** toma por base uma ilustração do cartunista brasileiro Jaguar (Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe, 1932) ao livro *A completa Lei de Murphy*.



Um atalho é a distância mais longa entre dois pontos.

(Arthur Bloch, *A completa Lei de Murphy*, Traduzido e transubstanciado por Millôr Fernandes)

**25**

Tomando por base que a ilustração de Jaguar se refere à chamada Lei de Murphy, cujo enunciado fundamental é *Se alguma coisa pode dar errado, dará*,

- estabeleça uma relação entre a Lei de Murphy, a legenda da ilustração e o princípio matemático que essa legenda parodia;
- demonstre em que medida os elementos visuais da ilustração reafirmam o conteúdo da legenda.

#### **Resolução**

- O princípio em questão é o de que a reta é a menor distância entre dois pontos. Um atalho deveria ser um caminho mais curto – e o atalho em questão é uma escada, correspondendo, portanto, a uma linha reta. Tal caminho, porém, é inviável para um automóvel. Daí que se possa invocar a "lei de Murphy", pois, embora haja atalho, ele é inútil: o que podia dar errado, deu.*
- Os elementos visuais da ilustração, tal como podem ser depreendidos da precária reprodução dela na prova, indicam que o caminho desejado se situa próximo, mas separado por um muro do caminho em que se encontra o automobilista, sendo uma escada o atalho, ou seja, o meio mais curto de chegar ao caminho pretendido. Porém, como a escada é inviável para o automóvel, o atalho em questão torna-se inútil. Daí, contudo, não decorre a conclusão contida na legenda, segundo a qual "um atalho é a distância mais longa entre dois pontos". Ou seja: os elementos visuais da ilustração não parecem "reafirmar" o conteúdo da legenda, a qual só seria de fato adequada se afirmasse que "o atalho em questão é, para um automóvel, um caminho impossível entre dois pontos" – o que eliminaria todo o humor que supostamente deveria haver na relação entre a situação representada e a legenda proposta.*

## Comentário

*Na boa tradição das provas de Português do vestibular da Unesp, esta foi composta de questões ao mesmo tempo originais e sensatas. A originalidade se deve à escolha dos textos e à aproximação entre eles, assim como ao teor de algumas questões, nas quais o assunto é a distinção aristotélica entre poesia e história. A sensatez se deve ao fato de tais questões não ultrapassarem aquilo que se pode legitimamente exigir de estudantes apenas egressos do ensino médio. É de lamentar apenas a aparente falta de propósito da questão 25, onde a desconexão – ou a conexão frouxa – entre a ilustração e a legenda pode ter desorientado muitos candidatos.*

